

ISSN 2318-3985
Volume 7 Número 13
Jan - Jun 2019



**ASSIM NA TERRA COMO NA COLÔNIA PENAL:
DIÁLOGOS E REFLEXÕES EM ANA PAULA MAIA
E FRANZ KAFKA**

Pamela Mendes

ASSIM NA TERRA COMO NA COLÔNIA PENAL:

DIÁLOGOS E REFLEXÕES EM ANA PAULA MAIA E FRANZ KAFKA

Pamela Mendes

Graduada em Letras - Português/Literaturas - pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP).
Pós-graduada em Estudos Literários e Mestranda em Estudos Literários pela mesma universidade.

RESUMO: O presente artigo aborda a relação entre literatura, sociedade e seu tempo, tomando como corpus literário o romance *Assim na terra como embaixo da terra*, de Ana Paula Maia (2017) em seu diálogo com o conto *Na Colônia Penal* de Franz Kafka (1919). Nos contextos diegéticos destas obras, refletiremos como se dão os aspectos de animalidade e reificação dentro de sistemas jurídicos de alienação e desumanização. Nesse viés, observaremos a contemporaneidade e diálogo entre os textos em análise, bem como a possibilidade de serem estes, um artifício utilizado por seus respectivos autores para dar a ver e sugerir a seus leitores, campos de luta para a criação de uma nova civilização cuja humanidade não seja, paradoxalmente, desumanizada.

Palavras-chave: Ana Paula Maia; Franz Kafka; Animalidade e Reificação; Literatura e contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

Nodecorrer dos estudos literários, muitas foram as tentativas de definir o termo literatura, mas nenhuma delas foi capaz de corresponder a abrangência e poder transformador que a literatura admite e pode admitir. Partindo dessa premissa que considera a complexidade e conotações que a palavra literatura abrange, nos debruçamos sob o pensamento de Terry Eagleton (2006), em *Teoria da Literatura: Uma Introdução*, cuja reflexão sugere pensar a literatura como um campo de práticas discursivas, bem como nos efeitos produzidos por estas no leitor e sociedade.

Em muitas sociedades, a literatura teve funções absolutamente práticas, como por exemplo, religiosa ou doutrinadora. Todavia, a literatura deixou de ter grande função prática nítida nas sociedades atuais e talvez a distinção entre prático e não prático só seja possível a partir destas mesmas sociedades que não se utilizam mais da literatura “doutrinar” seus habitantes. Assim, evidenciamos que não existe uma essência da literatura, pois qualquer fragmento de escrita pode ser lido não-pragmaticamente ou, também, poeticamente. Sob essa perspectiva, sugerimos pensar a literatura, segundo Eagleton, “menos como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escritos, do que como as várias maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a escrita” (EAGLETON, 2006, p.13). Dessa forma, literatura pode significar qualquer tipo de escrita que, por alguma razão, seja altamente valorizada.

Nesse sentido, acreditamos na literatura como um ramo das ideologias sociais, as quais de tempos em tempos e por diferentes razões, as pessoas assim a nomeiam, dentro de todo um campo daquilo que Michel Foucault (1997) chamou de “práticas discursivas”. Nesse viés, compreendemos que discursos, sistemas de signos e práticas significativas de todos os tipos, do cinema e televisão à ficção e às linguagens das ciências naturais, produzem efeitos, condicionam formas de consciência e inconsciência, que estão, por sua vez, estreitamente relacionadas com a manutenção ou transformação de nossos sistemas de poder existentes. Desse modo, as reflexões de Eagleton (2006) orientam para um tipo de estudo que se preocupa com os tipos de efeitos produzidos pelos discursos, em sua produção e reatualização no tempo, se (re) fazendo contemporâneos.

Inicialmente, este artigo aborda a relação entre literatura, sociedade e seu tempo, tomando como corpus literário o romance *Assim na terra como embaixo da terra*, de Ana Paula Maia (2017) o qual narra a história de um grupo de homens enviados para uma colônia penal em vias de desativação, condenados por diferentes crimes. Em seguida, comentamos a referência implícita que o romance de Maia (2017) faz à passagem bíblica da oração cristã “Pai Nosso” e, também, ao conto *Na colônia penal* de Franz Kafka (1919). Em diálogo com a obra Kafkiana, abordamos como se desenvolvem os conceitos de animalidade e reificação em ambas as narrativas.

Comparando homens a animais nos cenários das colônias penais aos quais os indivíduos cometem ações insanas e cruéis, observamos, com base no *Discurso sobre a Origem da Desigualdade entre os Homens* (2001) de Rousseau, quais elementos distinguem os homens dos animais, permitindo existir, ou não, um pensamento humanista. Sob os estudos Maria Esther Maciel em *Literatura e animalidade* (2016), sinalizamos quais traços se presentificam nos indivíduos “animalizados” dessas histórias que denunciam um sistema de alienação e desumanização.

No elo entre literatura e sociedade, o presente trabalho pretende situar o posicionamento da literatura de Maia (2017) e Kafka (1919), como um artifício para sugerir campos de luta para a criação de uma nova civilização em confluência com Lucien Goldmann em *A reificação* (1959) e algumas vertentes do pensamento do século XX (o marxismo, a sociologia do conhecimento, o estruturalismo), observando, alguns aspectos psicológicos e intelectuais manifestados nas personagens das narrativas em estudo. Por fim, debruçados sobre os estudos de Agamben (2009) em *O que é o Contemporâneo? E outros ensaios*, pretendemos mostrar, longe de esgotar o tema, o projeto político que a literatura (sobretudo, do corpus literário deste trabalho) pode admitir, como pode se fazer contemporânea e, ainda, assumir um efeito de “atualidade” a cada (re)leitura.

Dessa forma, este artigo pretende seguir uma compreensão dos discursos literários como estreitamente relacionados com o que significa ser humano e, a literatura, dentre sua multifacetada função, como um mecanismo utilizado por muitos autores engajados nas causas sociais, a citar Ana Paula Maia e Franz Kafka, para contribuir ideologicamente com a meta estratégica da emancipação humana e para a produção de mudanças e transformações sociais.

ASSIM NA TERRA COMO...

Em uma breve análise, partindo do título do romance *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) de Ana Paula Maia, observamos a referência implícita, mas presente em relação à frase bíblica da oração cristã intitulada “Pai Nosso” presente no livro de Mateus, capítulo 6, versículos 9 à 13, cuja frase se complementaria em “Assim na terra como no céu.” No texto cristão, o trecho “Assim na terra como no céu”, é antecedido, na mesma oração, pela frase: “Seja feita a Vossa vontade”. Desse modo, tem-se no texto religioso: “Seja feita a Vossa vontade / Assim na terra como no céu” (BÍBLIA, Mateus, 6:9-13).

Em uma possível leitura do supracitado trecho, compreendemos que há uma súplica ao divino para que suas leis e vontades sejam executadas tanto na terra quanto no céu, ou seja, tanto no local onde os homens habitam quanto onde os homens não habitam. Dessa forma, “Seja feita a Vossa vontade / Assim na terra como no céu” pode representar um pedido para que a vontade divina se manifeste em igualdade em ambos os territórios: humano e não humano. Além disso, a deformação, no sentido positivo de modificação de passagem e deslocamento de oração, pode denotar, também, obediência do suplicante em relação a uma força divina que o rege: “Seja feita a vossa vontade”.

Contudo, ao parafrasear a mensagem bíblica, o texto de Ana Paula Maia (2017) indica, subliminarmente, que as vontades ou leis que regem o mundo são executadas na terra e embaixo da terra, ou seja, somente onde os homens habitam, vivos ou mortos. Dessa maneira, a autora exclui da passagem um espaço não divino (o que se chamaria, na visão cristã de “céu”). Dentro da mitologia judaica cristã, nesse território humano, sem Deus não haveria, portanto, leis divinas, sobretudo, porque nada divino habitaria estes espaços. Sendo assim, o texto de Maia (2017) pode sinalizar que há igualdade entre os homens tanto na terra quanto embaixo dela, pois ao morrer, todos os homens são iguais, ou, por extensão, destaca que apenas a vontade humana governa a terra em desigualdade.

Por conseguinte, é possível compreender que no universo da obra de Maia (2017) se manifestam apenas as leis dos homens e não alguma lei ou crença divina. Nesse sentido, a autora dá a ver a oposição latente entre o Teocentrismo X Antropocentrismo, bem como da ausência contraditória de Humanismo ou Humanidade no segundo conceito ideológico. Por outro caminho de leitura, é

possível inferir, pelo decorrer da narrativa, que os detentos da colônia penal, todos condenados, pouco se diferenciam dos funcionários da prisão, na medida em que todos, indiscriminadamente, cometem ou cometeram crimes.

Na colônia penal da narrativa, os condenados pertencem ao Estado que lhes conduz a vida como bem entende, sendo os presos, aqueles com os quais absolutamente ninguém se importa. Neste cenário, os indivíduos sem direitos, vontades, família ou expectativas de vida, por exemplo, são postos a uma condição de morte em vida, o que lhes faz igualmente mortos, “*Assim na terra como embaixo da terra*”.

Embora não haja neste trabalho uma busca acerca da intenção da autora em sua obra, citamos palavras desta em entrevista ao blog da Editora Record realizada pela repórter Nicole Alvarenga, na qual a escritora reconhece a relação do título com as mortes e com a disposição dos corpos sobre a terra. Porém, elucidando uma outra possibilidade de leitura que solidifica o elo entre literatura e sociedade, Ana Paula Maia explica:

[...] a primeira menção desse título é porque aquele espaço foi uma fazenda de escravos, e aqueles escravos eram torturados e mortos (apesar dos escravos não serem bandidos, certo?). Eles eram torturados, caçados, enfim, tudo o que acontecia, e eles eram enterrados naquele espaço. Aquela situação de morte e de confinamento que foi dos escravos é a situação atual da colônia. E uma ponte, uma relação direta que foi impossível, impossível mesmo, não abordar. Então veio a questão sobre a qual eu falo rapidamente porque não era a minha intenção me debruçar sobre ela, mas é uma questão que eu menciono com uma certa firmeza, é essa coisa dos escravos. Por quê? Você olha para uma cela de um presídio no Brasil, você tem uma presença imensa de negros e mulatos e afrodescendentes de um modo geral. Então quando eu fui falar do assunto, do sistema carcerário, foi impossível não lembrar da escravidão. Impossível você não pensar que uma cela de cadeia hoje no Brasil se parece muito com as celas em que eles ficavam confinados, no navio negreiro... você faz essa relação. E sabendo que a maior população carcerária do mundo está nos EUA e também com maior número de negros. Então quando eu escrevi esse livro, apesar de pensar no Brasil (que é um espaço que a gente vive mesmo essa crise, aliás ninguém mais vive no sistema carcerário, eu não sei de um país que viva uma crise como a que a gente vive aqui), eu pensei em fazer esse ponto com o passado, esse ponto com a questão da escravidão, que é algo histórico. A gente sabe que a situação da população negra no Brasil vem da escravidão. (MAIA, 2017).

Diante do exposto, mesmo com a declaração da autora acerca do título do romance, não confirmando nenhum diálogo com o texto religioso ou acerca da vida “morta” de suas personagens, consideramos as possíveis intertextualidades na medida em que dialogam através de um inconsciente coletivo com as referências já citadas e amplificam o horizonte de expectativas tanto do leitor quanto da própria obra.

Em consonância com os sentidos elucidados pelo do título da obra, citamos a epígrafe do romance que corresponde a uma fala da personagem principal, o preso Bronco Gil: “No fim somos todos livres, porque, no fim, estaremos mortos” (MAIA, 2017, p.132). A partir desta fala da personagem é possível pressupor as condições de vida no espaço em que a narrativa se desenvolve, bem como a inexistência de transcendentalidade ou leis divinas no espaço em que habitam. Portanto, o que impera no contexto da personagem supracitada é a paradoxal “razão” irracionalizada e as leis humanas, além do male da desigualdade neste local (colônia penal) onde não há Deus e só a morte oferece igualdade entre os homens.

ASSIM NA TERRA COMO... NA COLÔNIA PENAL

No romance de Ana Paula Maia (2017) um narrador onisciente, em terceira pessoa, relata a história de um grupo de homens enviados para uma colônia penal em vias de desativação, condenados por diferentes crimes. Neste local sem marcação geográfica do espaço mencionada no texto, mas descrito por se encontrar em região periférica, afastada da cidade, não há também, algum registro cronológico de tempo. Dentro da diegese, o passar do tempo é sentido psicologicamente pelas personagens em sua rotina diária, ao entardecer ou escurecer do céu, por exemplo: “Não há como mensurar as horas de viagem, mas, pela cor do céu através da pequena janela, nota-se que ao menos cinco horas já se passaram” (MAIA, 2017, p. 30).

As personagens: Melquíades (agente penitenciário responsável pela colônia penal/algoz), Taborda (guarda penitenciário da colônia penal), Valdênio (preso/cozinheiro da colônia penal), Bronco Gil (preso/índio/protagonista), Pablo (preso), Jota (preso), Heitor (oficial de justiça) e Milo (personagem que ajuda Bronco Gil ao final do romance) possuem identidade nominal e uma história de vida descrita no decorrer da narrativa.

Essa colônia penal isolada (em um terreno com um histórico tenebroso de assassinato e tortura de escravos), construída para ser um modelo de detenção em que nenhum preso fugiria, torna-se campo de extermínio. Melquíades, espécie de capitão do mato ou carcereiro, caça e mata os presos como animais, apenas por satisfação pessoal. Os presos, cada qual com sua história de vida, estão sempre planejando a própria fuga, sem saber se vão acabar mortos pelos guardas ou pelo que os espera do lado de fora da colônia.

Em referência implícita ao conto *Na colônia penal* de Franz Kafka (1919), a narrativa de Maia (2017) traz à luz um contexto pouco debatido nas obras literárias, mas já presente nas denúncias sociais levantadas pelo escritor alemão. No texto de Kafka (1919), um narrador em terceira pessoa relata a história de um explorador estrangeiro que chega a uma colônia penal e é convidado a conhecer um aparelho descrito como “singular”, usado para torturar presos condenados à pena de morte. No entanto, o explorador descobre que os condenados a morte não passaram por nenhum processo judicial, sendo condenados sem saber sequer o motivo (segundo a narrativa, normalmente, motivos torpes) e sem direito à defesa. Nesse contexto, o explorador descobre, também, ao longo da narrativa, que os condenados eram torturados pelo período de 12 horas até a morte.

No conto kafkiano, as personagens não possuem nome, ou seja, não possuem identidade pessoal. São descritas apenas a partir de sua posição dentro de um sistema/instituição, sendo eles: oficial (agente penitenciário/algoz), explorador (estrangeiro, pertencente ao sistema judiciário, que visita a colônia penal), condenado (um soldado), comandante (falecido, mencionado repetidas vezes pelo oficial) e soldado.

Nesse espaço sem marcação geográfica, sabe-se apenas estar em uma colônia penal, sem também qualquer menção cronológica a tempo. Dentro desta colônia que pode ser em qualquer ou todo lugar ou em qualquer tempo, Kafka (1919) faz uma crítica sobre o instituto da pena, a impropriedade das penas baseadas em castigos corporais e ilustra a barbárie que constituíam as técnicas medievais na aplicação desses castigos punitivos.

No diálogo entre a colônia penal de Ana Paula Maia (2017) e Franz Kafka (1919), se dão alguns aspectos no espaço de interseção que vai além da denúncia e crítica social aos sistemas judiciário e penal vigentes. Ambos os autores evidenciam em suas obras o teor de animalidade que os homens podem alcançar em seus mecanismos de controle social e poder, instituindo sistemas de coisificação do humano para satisfazer suas vontades. Na comparação reiterada entre homens e animais, o narrador de Maia (2017) corrobora o aspecto animalizado que as personagens admitem na narrativa, atribuindo aos homens expressões normalmente relacionadas a animais:

Foi “adestrado” para obedecer (MAIA, 2017, p. 25).

Reparou que “tanto o javali quanto o presidente” estão sorrindo? (MAIA, 2017, p. 36).

“Caçar homens” é um pouco mais meticuloso do que caçar animais selvagens... (MAIA, 2017, p. 58).

Pablo puxa uma sacola cheia de sacos de lixo. “Sente-se um jumento, uma besta de carga” (MAIA, 2017, p. 65).

Nestes cenários em que homens se assemelham a bichos em ações instintivas e cruéis, observamos, com base no *Discurso sobre a Origem da Desigualdade entre os Homens de Rousseau* (2001), quais elementos distinguem os homens dos animais, permitindo existir, ou não, um pensamento humanista. Sob os estudos Maria Esther Maciel (2016) em *Literatura e animalidade*, sinalizamos quais traços se presentificam nos indivíduos “animalizados” e atravessam as fronteiras do tempo e do espaço em um exercício maquiavélico de desumanização.

“HOMEM PRIMATA CAPITALISMO SELVAGEM”

(PESSOA; FROMER; REIS; BRITTO, 1986)

Ao longo do desenvolvimento da filosofia e das sociedades, muitas teorias buscaram os critérios que distinguem os homens dos animais. Dentre as teorias clássicas, os estudos de Aristóteles e Descartes incluíam, respectivamente, a capacidade de raciocinar, a afetividade e a sociabilidade (linguagem) como elementos diferenciadores entre animais e homens. Contudo, para Rousseau não são somente estes os critérios que distinguem os seres humanos dos animais. Para o supracitado filósofo, os animais possuem, assim como os homens, inteligência, sensibilidade e até mesmo a faculdade de se comunicar.

De acordo com Rousseau (2011) em *Discurso sobre a Origem da Desigualdade entre os Homens*, publicado pela primeira vez em 1755, os animais não possuem a faculdade de se aperfeiçoar ao longo da vida, pois são guiados desde sua origem, pela natureza ou instinto. Nesse sentido, os animais, diferente dos homens, não possuem liberdade ou o que Rousseau chama de “perfectibilidade”. Sendo assim, os animais são conduzidos por uma “programação” natural na qual não podem fugir e, portanto, são privados de liberdade, pois, guiados por um instinto indomável por si mesmos, vivem limitados nesse “destino natural”. Os homens, todavia, possuem segundo Rousseau, além de inteligência, sensibilidade e linguagem, liberdade para fugir aos instintos naturais e a competência de se aprimorar ao longo de sua existência, devido a essa capacidade de evolução indefinida (uma vez que pode ser transformada por ele, além dos instintos).

Partindo do estudo de Rousseau (2011) que distingue os elementos característicos de homens em contraposição aos elementos presentes no comportamento dos animais, pontuamos, dentro das obras *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) e *Na colônia penal* (1919), o conjunto de qualidades ou atributos animais, manifestados nos homens dentro dessas narrativas.

Além das considerações baseadas em Rousseau é relevante destacar, segundo Maria Esther Maciel (2016), como o romance de Ana Paula Maia explora literariamente as relações entre humanos e não humanos, humanidade

e animalidade. De acordo com Maciel, os animais são vistos pelos homens como seres inferiores, marginalizados e por estes, entre outros fatores, são também temidos, subjugados, amados, admirados, confinados, comidos, torturados, etc.

Para Maciel (2016), assim como os homens enxergam os animais como inferiores na hierarquia dos viventes, todos os demais indivíduos vistos como inferiores por estes estão sujeitos a condições de submissão e maus tratos, como por exemplo, escravidão, aprisionamento e/ou exploração. Diante do exposto, cabe considerar a presença de tais percepções das personagens sobre as outras, tanto na obra de Ana Paula Maia (2017) quanto na obra de Kafka (1919). Assim, tem-se a personagem agente Melquíades, no guarda Taborda e no oficial do texto kafkiano, indivíduos que manifestam sua parte animal, despojada de qualquer senso de humanidade. Tanto Melquíades quanto Taborda ou o Oficial, percebem os demais indivíduos como seres inferiores ou animais e por este motivo, passíveis de qualquer tipo de tratamento ou condição.

O confinamento de homens assemelha-se a um curral de animais. O gado é abatido para se transformar em alimento; os homens, por sua vez, são abatidos para deixarem de existir. Não é um lugar de recuperação ou coisa que o valha, é um curral para se amontoarem os indesejados, muito semelhante aos espaços destinados às montanhas de lixo, que ninguém quer lembrar que existem, ver ou sentir seus odores (MAIA, 2017, p. 97).

[...] o condenado parecia de uma sujeição tão canina que a impressão que dava era a de que se poderia deixá-lo vaguar livremente pelas encostas, sendo preciso apenas que se assobiasse no começo da execução para que ele viesse. (KAFKA, 1919, p. 29-30).

Segundo Maciel (2016), em ambos os textos, sobretudo pela capacidade de tortura e crueldade, as personagens vivenciam sua animalidade sem forjas, desnudada pela total ausência de humanismo e/ou compaixão quanto aos outros indivíduos. Pelas ações irracionais e instintivas, nestes cenários de mortes e promoção da dor, os homens manifestam sua parte animal, havendo, por isso, um estreitamento da fronteira que separa o homem do animal e da animalidade, pois os homens vivem de maneira visceral a sua existência humana “e não humana” (MACIEL, 2016, p. 24-25).

Se para Rousseau (2011) a liberdade e a capacidade de evoluir fora de uma “programação” da natureza são os critérios distintivos entre homens e animais, sinalizamos, observando as personagens de Maia e Kafka, que estas são condições ausentes nos contextos narrativos das colônias penais. Nos sistemas penais aos quais as personagens estão inseridas, os homens não têm sequer posse do próprio corpo ou, das decisões as quais este mesmo sistema pode tomar sobre suas vidas:

Sua alma e seu corpo não pertencem mais a você. Seu direito de saber também não (MAIA, 2017, p. 26).

O princípio segundo o qual tomo decisões é: a culpa é sempre indubitável (KAFKA, 1919, p. 38).

Citando Derrida, Maria Esther explica que tudo o que diferencia o homem do animal tem sido usado para legitimar as práticas humanas de violência e assujeitamento dos demais viventes pelas diferenças hierarquizantes entre a espécie humana e as outras espécies (MACIEL, 2016, p.37). Dentro das diegeses em análise, notamos, portanto, que há um olhar de uns indivíduos sobre outros compreendendo esses outros como animais, na medida em que ações animalizadas de crueldade são naturalizadas e justificadas em diferenças hierárquicas descabidas:

Bronco Gil passou a enterrar cães e homens da mesma forma: importando-se muito pouco (MAIA, 2017, p. 95).

- Ele conhece a sentença?
- Não – disse o oficial, e logo quis continuar com suas explicações.
- Mas o explorador o interrompeu:
- Ele não conhece a própria sentença?
- Não – repetiu o oficial e estacou um instante, como se exigisse do explorador uma fundamentação mais detalhada da sua pergunta; depois disse:
- Seria inútil anunciá-la. Ele vai experimentá-la na própria carne (KAFKA, 1919, p. 36).

Assim, é possível observar que em ambas as obras a crueldade é banalizada e/ou forjada sob alegação de aplicação de uma dita justiça. Nesses cenários, executando práticas inconcebíveis a qualquer ser humano existente (a citar a tortura, por exemplo), seja em um homem ou um bicho, as ações realizadas pelas personagens de Maia e Kafka são injustificáveis e incompatíveis com qualquer filosofia humanista e/ou antropocêntrica.

A RES NAS COLÔNIAS

Abordando as obras literárias de Maia (2017) e Kafka (1919) em confluência com Lucien Goldmann em *Areificação* (1959) e algumas vertentes do pensamento do século XX (o marxismo, a sociologia do conhecimento, o estruturalismo) observamos, nesta seção, o fator histórico (genético, na terminologia de Goldmann (1959), destacando “as consequências psíquicas e intelectuais” do fenômeno, manifestadas nas personagens das narrativas em análise.

Reificar, verbo transitivo direto, derivado do latim *res* (coisa), significa transformar em coisa ou dar o caráter de coisa a algo ou alguém. A partir da supracitada denotação, evidenciamos os efeitos visíveis da reificação tanto nos indivíduos de *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) quanto *Na colônia penal* (1919) considerando que todos em suas relações são vistos e tratados como coisa.

Melquíades, Taborda, Valdênio, Bronco Gil, Pablo, Jota ou os condenados de Kafka, prefiguram a alienação e abstração de determinadas propriedades humanas, como a compaixão e solidariedade, por exemplo, na medida em que suas relações os atribuem a coisas, animais ou objetos. Nos sistemas em que estes homens estão inseridos, seu valor e tratamento são determinados a partir do que podem oferecer a esse sistema e seus interesses.

Lucien Goldmann (1959), discípulo de Lukács, amplia o conceito de reificação que destacamos nas diegeses em estudo, permitindo-nos associá-lo a um modo específico de relação com o mundo, de percepção da realidade (distorcida) e de uma consciência (falsa) dos indivíduos. Neste sentido, a reificação significa, sobretudo, a “desdialectização”, ou, a perda de sentido da totalidade, na qual há uma separação da parte em relação ao todo. Dessa forma, percebemos nos indivíduos de Maia (2017) e Kafka (1919), uma perda de lastro ou pertencimento em relação a um todo social e a um historicismo. Em função dessa perda de lastro, observamos, também, uma desaxiologização ou desatribuição de valores nos indivíduos, além da total desestruturação moral no sentido do que é pertinente à condição de humano.

Por conseguinte, isoladas de um todo (sociedade) em um espaço regido por leis próprias e peculiares, as personagens da Maia (2017) e Kafka (1919) não só perdem características humanas, como também se acostumam e defendem um sistema de brutalidade e desumanidade, como mostram os trechos:

O problema é que uma vez que se corrige o mal, a punição para o mal seguinte precisa ser ainda mais severa. É assim por diante, até que todos estão corrompidos, acostumados com a brutalidade [...]
Melquíades já havia perdido toda a sua bondade, inocência e misericórdia; só restava cuidar dos demônios para que não fugissem do inferno (MAIA, 2017, p. 34-71).

Sou o único defensor e ao mesmo tempo o único que defende a herança do antigo comandante. Não posso mais cogitar nenhuma ampliação do processo, despendo todas as energias para preservar o que existe. Quando o antigo comandante era vivo, a colônia estava cheia de adeptos seus; tenho em parte a força de convicção dele, mas me falta inteiramente o seu poder; em vista disso os adeptos se esconderam, existem

muitos ainda, mas nenhum o admite. Se o senhor for à casa de chá hoje, ou seja, num dia de execução, e ficar escutando em volta, talvez ouça apenas declarações ambíguas. São todos fiéis, mas sob o atual comandante e seus atuais pontos de vista, eles não me servem para coisa alguma (KAFKA, 1919, p. 48-49).

Para além da alienação dos indivíduos, a reificação nas personagens de Maia (2017) e Kafka (1919) promove a inversão das relações entre sujeito e objeto, meio e fim. Nesse sentido, para os algozes Melquíades e o Oficial, não importam os meios ou os sujeitos, mas o fim e os objetos de desejo ao qual servem. Segundo Goldmann (1959), os efeitos desagregadores da reificação, se dão, nos textos em estudo, num encadeamento crescente, a partir da formação dos indivíduos egoístas (exemplificados por Melquíades e o Oficial), típico das sociedades capitalistas, que buscam maximizar seus benefícios e vantagens.

Ainda sob os conceitos de Goldmann (1959) é relevante destacar os efeitos de dessocialização e dessolidarização, presentes nas personagens de Maia (2017) e Kafka (1919) e produzidos pela reificação. Em convergência com algumas ideias de Marx, dentro das narrativas literárias do corpus, evidenciamos que não é mais necessariamente o dinheiro o elemento dissolvente da sociabilidade humana, mas sim, homens egoístas e não pensantes que corrompem os valores humanos. Nestes contextos diegéticos em que Melquíades e o Oficial executam suas ações indiscriminadamente, a crueldade desassociabiliza e animaliza os indivíduos e a urgência da solidariedade emerge, segundo Goldmann (1959) na mesma proporção que o egoísmo para o mundo burguês: “a solidariedade tem, para a vida social e para o pensamento dos operários, importância tão grande quanto o egoísmo e a concorrência para os burgueses e para as camadas médias” (GOLDMANN, 1959, p. 96).

Na relação entre literatura e sociedade, os universos das narrativas de Maia (2017) e Kafka (1919) denunciam fatores sociais refletidos na estrutura das obras, sendo estas, para Goldmann (1959), um fato social dado em um processo coletivo. Nessas sociedades em tudo vira coisa, a começar pelos seres humanos, as histórias se desenvolvem estimulando relações entre os homens com falsa consciência, além da ausência de qualquer pertencimento sociocultural. Nesse viés, contrariamente ao determinismo e às condições materiais defendidas por Lukács, reiteramos, com base em Goldmann (1959), que os sujeitos sociais e suas relações, tanto em Maia (2017) quanto em Kafka (1919), são intimamente influenciadas pelo sujeito transindividual (a classe, o grupo) e, sobretudo, pelo meio onde estão inseridos, valendo esta premissa tanto para o universo diegético quanto para o mundo real.

ATEMPORALIDADE FICCIONAL

Na esteira de discussões acerca da relação entre autor, mundo e história ou literatura e seu tempo destacamos como é possível ler uma obra literária, como *Na colônia penal* (1919), por exemplo, como um texto contemporâneo, sendo esta uma obra pertencente a outro tempo cronológico, mas simultaneamente tão atual (pertinente e elucidativa) ao tempo presente.

Sobre *O que é o Contemporâneo*, título de ensaio e tema caro a Giorgio Agamben (2009), seguimos a perspectiva do anacronismo no sentido que uma obra seria verdadeiramente contemporânea e pertencente ao seu tempo quando não coincide perfeitamente com ele. Portanto, uma obra deveras contemporânea seria a que se mostra inadequada às pretensões de seu tempo, mas capaz, mais do que outras, de perceber e apreender traços de sua época.

À luz de Agamben (2009), compreendemos que o autor capaz de manter sua obra atual e contemporânea, independentemente do tempo cronológico, assim o faz por “manter seu olhar fixo nele, percebendo o que há de escuro em seu tempo e não as suas luzes” (AGAMBEN, 2009, p.60). Nesse sentido, tomando *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) e *Na colônia penal* (1919) como corpus literário de leitura, percebemos a abordagem de Maia e Kafka acerca da obscuridade de seus respectivos tempos, não como inércia ou passividade, mas como um exercício habilidoso de apontamento de um escuro até então neutralizado pelas luzes do presente, inseparável delas e que se distancia de nós (AGAMBEN, 2009, p.64).

Assim, sugerimos uma reflexão sobre a literatura com base na relação dinâmica entre a obra literária e seus leitores, considerando que é produtivo pensar nos efeitos de leitura e não numa historicidade fundamentada em cronologias literárias. Ou seja, em historicismos que enquadram as obras em períodos literários, visto que as obras literárias são atualizadas nessa relação dinâmica entre texto e leitor, nesse processo de interação produtiva (e não meramente passivo) que é a leitura. Portanto, mencionamos Antoine Compagnon para a compreensão de que a literatura se realiza nesse processo de fusão de horizontes em que “o texto instrui e o leitor constrói” (COMPAGNON, 2012, p.147).

Embora se trate de obras de ficção que elucidem e estimulem o debate em relação a uma máxima contemporânea: “Bandido bom é bandido morto”, as colônias penais de Maia (2017) e Kafka (1919) não devem ser lidas simplesmente como cópia do mundo ou relato histórico do período em que foram produzidas. Debruçados sob o pensamento de Compagnon (2012), sugerimos pensar “(...) não mais “Como a literatura copia o real?”, e sim, em “Como ela nos faz pensar que copia o real?” Por quais dispositivos?” (...). E esse real encenado, ou, esse efeito de real, consiste, então, na aventura da linguagem que cria nas narrativas elementos ficcionais que são próximos da realidade e que levam o leitor a experimentar uma sensação ilusória do real. Assim, esse efeito de

real pode, portanto, ser entendido como uma artimanha da linguagem ou uma realidade fingida que é completada no imaginário de cada leitor.

Ainda guiada pelo pensamento de Compagnon (2012) acerca das relações entre autor, mundo e obra, compreendemos, portanto, que os sentidos do romance e conto em estudo são instruídos pelo texto, mas construídos pelo leitor no processo de leitura e no encontro de tempos e gerações, a partir da exposição da fratura desse tempo passado que se presentifica e é atualizado na fusão com o horizonte de expectativas do próprio leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da exposição visceral da brutalidade, crueldade e animalidade humanas, em *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) e *Na colônia penal* (1919) o horizonte de expectativas do leitor pode ser reconstruído e atualizado, não só pela relação opositiva entre ficção e realidade, mas, também, devido aos conteúdos inscritos nas narrativas que podem conduzir a reflexões políticas, econômicas e sociais. Elucidando discussões acerca de temas polêmicos (como o instituto de pena e a tortura, por exemplo) a partir da exposição de graves desvios do caráter humano, os textos de Maia (2017) e Kafka (1919) dão a ver como a literatura pode contribuir ideologicamente com o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social humano, bem como sugerindo reflexões que podem transformar positivamente a sociedade.

As obras, embora filhas de seu tempo e relacionadas com a sociedade em que se originaram, podem ser reapropriadas na atualização do texto pelo leitor com o seu horizonte presente, acrescido de todas as suas experiências (de leituras, vida e/ou de mundo). Por conseguinte, a leitura do texto que se faz atual e contemporânea nas obras de Maia (2017) e Kafka (1919) é sua ruptura com o tempo ao qual foram inscritas, sendo seus anacronismos o que nos permite reatualizá-las no tempo cronológico por algo que urge, intempestivamente, em ser transformado: uma sociedade fundamentalmente cruel, injusta e em ruínas.

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos Editora da Uno Chapecó, 2009.

ALVARENGA, Nicole. *Blog da Editora Record*. Maio. 2017. Disponível em <<http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2017/05/15/assim-na-terra-como-embaixo-da-terra-de-ana-paula-maia/>> Acesso em: 26. Mar. 2019.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria*. Literatura e Senso Comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura*. Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GOLDMANN, Lucien. La réification. In: *Recherches dialectiques*. Paris: Gallimard, 1959.
- ISER, Wolfgang. *Literatura e o Leitor*. Coletânea com Luiz Costa Lima e Hans Ulrich Gumbrecht. Paz e Terra, 2000.
- KAFKA, Franz. *O veredito / Na colônia penal*. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MAIA, Ana Paula. *Assim na terra como embaixo da terra*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Coleção contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- PESSOA, Ciro, FROMER, Marcelo, REIS, Nando, BRITTO, Sérgio. In: Titãs. *Cabeça Dinossauro*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1986. CD. Faixa 11.

On Earth as in the criminal colony: dialogues and reflections in Ana Paula Maia and Franz Kafka

Abstract: The present article approaches the relationship between literature, society and its time, taking as a literary corpus the novel *So on Earth as Under the Land*, by Ana Paula Maia (2017) in her dialogue with the story *In the Criminal Colony of Franz Kafka* (1919). In diegetic contexts of these works, we will reflect how the aspects of animality and reification are given within legal systems of alienation and dehumanization. In this bias, we will observe the contemporaneity and dialogue between the texts in analysis, as well as the possibility of these being an artifice used by their respective authors to show and suggest to their readers, fields of struggle for the creation of a new civilization whose humanity is not, paradoxically, dehumanized.

Keywords: Ana Paula Maia; Franz Kafka; Animality and Reification; Literature and contemporaneity.